

PROCEDIMENTOS DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE AOS COMPORTAMENTOS DE INDISCIPLINA DOS ALUNOS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIA TERESA MATEUS OLIVEIRA ¹
AMÂNDIO GRAÇA ²

¹ Professora Coordenadora aposentada da Escola Superior de Educação e investigadora do Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS) do Instituto Politécnico de Viseu – Portugal. (e-mail: teresaoliveira@esev.ipv.pt)

² Professor Associado da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto – Portugal. (e-mail: agraca@fade.up.pt)

Resumo

A indisciplina na escola e na sala de aula constitui uma séria preocupação para todos os que se interessam pela problemática do ensino. Ela é um tema de debate inflamado, mas é também um tema recorrente, refletindo, em primeiro lugar, a importância que a sociedade atribui à disciplina na escola, expressa na pluralidade de perspectivas e de posições mais ou menos acantonadas em torno de ideologias ou escalas de valores conflitantes. Em segundo lugar é um tema que resiste teimosamente a soluções milagrosas ou definitivas, ainda que as segregue continuada e abundantemente.

Material e Métodos - Participantes

O estudo envolveu 12 professores licenciados em educação física com experiência profissional repartida por 3 grupos distintos, de acordo com critério adotado por Fink & Siedentop (1989): grupo 1 - professores no primeiro ano de serviço; Grupo 2 - professores com quatro e cinco anos de serviço; grupo 3 - professores com doze ou mais anos de serviço. Estiveram envolvidos 1050 alunos pertencentes a 48 turmas do 6º, 7º e 8ºanos de escolaridade, dos Distritos de Viseu e Guarda.

Instrumentarium

A recolha da informação relativa ao comportamento do aluno foi realizada com base no Sistema de Observação dos Comportamentos de Indisciplina dos Alunos (SOCI) desenvolvido por Piéron e colaboradores (Piéron & Brito, 1990; Piéron & Emonts, 1988), contemplando 4 categorias (comportamentos dirigidos à actividade, ao professor, aos colegas e comportamentos dos alunos dispensados), subdividas em 16 subcategorias. A informação sobre a resposta do professor foi recolhida com base no *Physical Education Pupil Control Inventory* (PEPCI) (Henkel, 1991), compreendendo 22 categorias de respostas, repartidas por 3 dimensões: Antecipação (A); Tutorial: (T); Punição: (P). Acrescentou-se a dimensão Não Vê: (N.V).

Procedimentos de análise de dados

Procedeu-se à análise exploratória dos dados por forma a avaliarmos os pressupostos essenciais da análise estatística descritiva, univariada e multivariada.

Para todos os testes estatísticos foi considerada uma probabilidade de erro de $p \leq 0,05$.

Conclusões

Em síntese, concluímos que os comportamentos inapropriados na aula de EF são muito frequentes, na sua grande maioria relacionados com a atividade e normalmente controlados ou prevenidos através de intervenções verbais de carácter tutorial ou antecipatório. A incidência dos comportamentos de indisciplina é maior no início do ano do que numa fase mais avançada do ano letivo. Os próprios alunos são capazes de reconhecer que os professores mais eficazes na gestão da aula demarcam com clareza, logo no início do ano, as fronteiras dos comportamentos dos alunos na aula e as respetivas consequências (Cothran, Kulinna & Garrahy, 2003; Supaporn, 2000).

A frequência dos comportamentos de indisciplina dos alunos e de controlo do professor registam uma variação intraindividual acentuada de aula para aula.

A experiência docente não se revelou como fator distintivo consistente, quer no que respeita à incidência dos comportamentos inapropriados, quer no que respeita às estratégias de controlo.

Palavras-chave: comportamentos, indisciplina, professores, alunos, escola.

Introdução

A indisciplina na escola e na sala de aula constitui uma séria preocupação para todos os que se interessam pela problemática do ensino. Ela é um tema de debate inflamado, mas é também um tema recorrente, refletindo, em primeiro lugar, a importância que a sociedade atribui à disciplina na escola, expressa na pluralidade de perspectivas e de posições mais ou menos acantonadas em torno de ideologias ou escalas de valores conflitantes. Em segundo lugar é um tema que resiste teimosamente a soluções milagrosas ou definitivas, ainda que as segregue continuada e abundantemente. O que é a indisciplina, quais são as suas causas, como se previnem os maus comportamentos, como se resolvem as manifestações de indisciplina, e quem tem o poder para as resolver são temas de sempre e sempre em aberta controvérsia.

A indisciplina pode ser olhada como um sintoma de crise na relação pedagógica, que é por essência uma relação complexa e dinâmica, feita de encontros e desencontros, de rotinas e novidades, de ordem e contradição. O maior ou menor equilíbrio da ecologia da sala de aula resulta da interação mais ou menos conseguida dos sistemas de instrução, de gestão e de socialização dos alunos (Doyle, 1986; Supaporn, Dodds, & Griffin, 2003). Ora o que acontece é que a sintonização desses três sistemas é algo que tem que ser permanentemente afinado, reajustado ou redefinido, porque não há soluções que durem para todo o sempre, ou que se adequem às disposições e características de todo e qualquer tipo de alunos ou de turmas. Fenwick (1998) fala, a este propósito do concerto que o professor persegue em 3 dimensões: na gestão do espaço da sala de aula (os objetos, os movimentos, o tempo e a história), na gestão da energia dos alunos (emocionalidade, fisicalidade) e na gestão da sua própria identidade.

A indisciplina é apontada frequentemente como a maior causa de aborrecimento e frustração (Curvin & Mendler, 1984), a principal causa de stresse dos professores (Abel & Sewell, 1999), a principal fonte de preocupação e o principal dissipador de energia para a generalidade dos professores em início de carreira (Fernandez Balboa, 1991; Roberson & Doebler, 1989; Tulley & Chiu, 1995) e um dos fatores de abandono prematuro da profissão (Macdonald, 1999).

A aula é um espaço público, com a sua sequência de acontecimentos testemunhados, e atuações julgadas pela sua competência e pela sua justiça. Os professores, em especial os novatos, são testados e inspecionados na sua capacidade de gerir, isto é de criar e manter uma ordem produtiva na aula (Fenwick, 1998). A primeira fase da carreira de ensino é, nesta medida, considerada uma fase de sobrevivência, uma fase de ultrapassagem do choque da prática, ou choque da realidade, em que as crenças e as expectativas ingénuas dos professores novatos são

abaladas e a falta de experiência e de recursos para gerir o andamento da aula é cruamente posta à prova (Veenman, 1984; Fernandez Balboa, 1990). O stresse assim provocado e a falta de maleabilidade e de sistematicidade de regras e rotinas explicam a propensão para adoptar comportamentos extremos e inconsequentes, ora para contemporizar com comportamentos inaceitáveis dos alunos, ora para impor castigos desajustados sobre comportamentos de indisciplina triviais (Fink & Siedentop, 1989).

Vários autores atribuem uma importância crítica ao estabelecimento de regras e rotinas, introduzidas e fixadas nos primeiros dias do ano (Boyce, 1997; Brophy & Good, 1986; Fink & Siedentop, 1989; O'Sullivan & Dyson, 1994). Os próprios alunos são capazes de reconhecer que os professores mais eficazes na gestão da aula demarcam com clareza, logo no início do ano, as fronteiras dos comportamentos dos alunos na aula e as respectivas consequências (Cothran, Kulinna & Garrahy, 2003; Supaporn, 2000).

Os professores tendem a atribuir as causas da indisciplina a fatores externos (características pessoais dos alunos, falta de educação e alheamento dos pais, ambiente familiar desestruturado), mais do que a fatores internos (Goyette, Dore, & Dion, 2000; Miller, Ferguson, & Moore, 2002). Este tipo de atribuição desresponsabilizadora pode ter um efeito indesejado de inibição da procura de recursos para solucionar os problemas de disciplina enquadráveis na esfera da interação pedagógica na sala de aula (Fernandez-Balboa, 1990).

O estudo do controlo do comportamento dos alunos na aula não se queda pelas estratégias de intervenção exclusivamente centradas na correcção e punição, mas inclui igualmente a dimensão antecipatória, ou seja, o comportamento que o professor desenvolve no sentido de prevenir ou dissuadir o aparecimento do comportamento de indisciplina do aluno (Henkel, 1991). E, em concomitância com a adoção de medidas preventivas ou de remediação dos problemas de disciplina, importa considerar em que medida o professor visa o autocontrolo do aluno e não apenas a obediência (Brophy, 1985; Henkel, 1991). Cloes *et al.* (1998) sugerem que os professores inexperientes, por falta de confiança, por menor capacidade de prevenção e controlo do comportamento dos alunos, acabam por recorrer mais frequentemente a estratégias punitivas. Em todo o caso, problemas graves de indisciplina na aula de educação física parecem ser relativamente raros (Cloes *et al.*, 1998), como pouco frequente parece ser a adopção de medidas punitivas (Perron & Downey, 1997).

De uma forma geral os estudos nesta temática não têm diferenciado grandemente a variedade de estratégias de controlo utilizadas pelos professores

(Henkel, 1991). Sublinhando o interesse de aprofundar o tema da gestão dos comportamentos de indisciplina na aula de educação física, Perron e Downey (1997) sugerem que se analisem, entre outras, o impacto de variáveis fundamentais, como sejam as características do professor, os métodos de ensino e o tempo do ano letivo.

Objetivo do estudo

O presente estudo tem como objetivo analisar a expressão dos comportamentos de indisciplina na aula de educação física e os consequentes procedimentos dos professores, tendo em conta a experiência profissional e o momento do ano letivo.

Problema, Material e Métodos

O Problema

Perante os comportamentos de indisciplina, uma questão central se coloca no nosso estudo: *Qual a relação entre as crenças (pensamento) e práticas (procedimentos) dos professores relativamente à indisciplina nas aulas de Educação Física?*

Participantes

O estudo envolveu 12 professores licenciados em educação física com experiência profissional repartida por 3 grupos distintos, de acordo com critério adotado por Fink e Siedentop (1989): grupo 1, quatro professores no primeiro ano de serviço; Grupo 2, quatro professores com quatro e cinco anos de serviço; grupo 3, quatro professores com doze ou mais anos de serviço. A seleção dos professores foi confinada a escolas públicas do 2º e 3º ciclos do ensino básico de áreas urbanas e suburbanas dos distritos de Viseu e Guarda, que apresentassem características e regras semelhantes de funcionamento, incluindo condições espaciais e materiais para a aula de educação física, e cujos conselhos diretivos autorizassem a participação dos professores e a recolha de imagens. Os professores de educação física aceitaram voluntariamente participar no estudo.

O estudo envolveu 1050 alunos pertencentes a 48 turmas do 6º, 7º e 8º anos de escolaridade selecionadas ao acaso dentro do horário dos professores da amostra. As turmas eram mistas, tinham em média $21,06 \pm 2,06$ alunos, com o máximo de 29 e o mínimo de 18 alunos por turma. Os alunos tinham idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, apresentando-se a grande maioria entre os 12 e 13 anos.

Instrumentarium

A recolha da informação relativa ao comportamento do aluno foi realizada com base no Sistema de Observação dos Comportamentos de Indisciplina dos Alunos (SOCI) desenvolvido por Piéron e colaboradores (Piéron & Brito, 1990; Piéron & Emonts, 1988), contemplando 4 categorias (comportamentos dirigidos à atividade, ao professor, aos colegas e comportamentos dos alunos dispensados), subdivididas em 16 subcategorias (Cf. Quadro 1 em anexo).

A informação sobre a resposta do professor foi recolhida com base no *Physical Education Pupil Control Inventory* (PEPCI) (Henkel, 1991), compreendendo 22 categorias de respostas (Cf. Quadro 2 em anexo), repartidas por 3 dimensões: Antecipação (A) “Se não usares o arco como eu pedi, retiro-o”-, o professor fala antes do aluno começar a usar o arco; Tutorial: (T) “Se rodares outra vez o arco, vou ter de te o tirar” – era esperado que o aluno deixasse o arco no chão; Punição: (P) “Vou-te tirar o arco, porque não o estás a usar de forma adequada” – o aluno estava a rodar o arco enquanto o professor estava a falar. Acrescentou-se a dimensão Não Vê: (N.V.) para assinalar as situações em que, por motivos diversos, o professor não observa o aluno quando este desenvolve os comportamentos de indisciplina.

Procedimentos de recolha de dados

Observações

De cada um dos 12 professores foram registadas em vídeo 8 aulas, subdivididas em dois momentos do mesmo ano letivo, 4 lecionadas em Outubro/Novembro e outras 4 em Abril/Maio. As aulas foram recolhidas no mesmo dia da semana e tiveram uma duração de 50 minutos. Não foi colocado qualquer constrangimento ao professor para o desenvolvimento da aula ou seleção dos conteúdos. Foram garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. Cada aula foi registada na sua totalidade com recurso a uma câmara vídeo equipada com uma lente grande angular, que permitia cobrir todo o espaço de aula, e com um microfone sem fios de lapela, que permitia a incorporação das intervenções verbais do professor no registo vídeo.

Fiabilidade

A fiabilidade dos instrumentos de observação utilizados foi determinada com base na comparação dos registos de 8 aulas aleatoriamente escolhidas. Na fiabilidade intraobservador o intervalo entre os dois momentos de registo foi de aproximadamente quatro semanas. Na determinação da fiabilidade interobservador

recorremos a um observador treinado, com grande experiência de observação na formação inicial de professores e na formação de profissionalização em serviço. Em ambos os casos foi calculado a percentagem de acordos (Van der Mars, 1989). Os valores encontrados nos diferentes instrumentos de observação situaram-se sempre acima dos 85%.

Procedimentos de análise de dados

Procedeu-se à análise exploratória dos dados por forma a avaliarmos os pressupostos essenciais da análise estatística descritiva, univariada e multivariada.

Procedeu-se à determinação das estatísticas descritivas e das frequências das variáveis para nos dar uma visão geral do estudo nas observações realizadas no 1º e 2º momentos de observação.

A análise à mudança do 1º para o 2º momento de observação verificada em cada grupo de professores com experiência docente diferenciada, quer em relação aos comportamentos de indisciplina dos alunos, quer em relação aos procedimentos de controlo dos professores, foi realizada através do procedimento estatístico GLM Repeated Measures.

Para todos os testes estatísticos foi considerada uma probabilidade de erro de $p \leq 0,05$.

Resultados

Os comportamentos de indisciplina na aula de educação física

No conjunto das 96 aulas observadas registaram-se 9747 comportamentos de indisciplina dos alunos, o que corresponde, em média, a uma taxa acima dos 2 comportamentos de indisciplina por minuto de aula. Na sua grande maioria, os comportamentos caem dentro da dimensão atividade (Quadro 1). Do primeiro para o segundo momento de observação, regista-se um abaixamento apreciável da incidência de comportamentos de indisciplina em todas as dimensões, com especial destaque para os comportamentos dirigidos ao professor.

Quadro 1: comportamentos de indisciplina dos alunos no primeiro e segundo momentos de observação no conjunto das aulas de todos os professores: percentagens em cada dimensão e média e desvio padrão por categoria do instrumento SOCI

	1º momento		2º momento	
	(61,36%)	M SD	(65,17%)	M SD
<i>Comportamentos dirigidos à atividade</i>				
Conversas intempestivas		25,33 46,32		13,85 1
Pára a acção		14,93 21,23		8,93 4
Desrespeito pelo material		7,58 10,74		8,70 8,35
Deixa a sala		1,62 2,52		0,70 1,38
Barulho com bolas				12,9
Modificação da atividade		7,43 10,44		11,79 1
		22,29 23,43		17,83 9
<i>Comportamentos dirigidos aos professores</i>	(16,56%)		(13,44%)	
Recusa de obediência		13,12 12,77		4,70 4,24
Grosseria		3,85 5,48		2,91 3,32
Outros		1,64 3,50		0,62 1,59
<i>Comportamentos dirigidos aos colegas</i>	(14,17%)	M SD	(13,87%)	M SD
Grosseria		3,37 5,38		1,52 1,98
Golpe ou pancada		8,25 7,24		6,95 6,58
Conduta perigosa		4,06 6,52		2,77 3,15
Outros		,60 1,44		0,62 2,00
<i>Comportamentos dos alunos dispensados</i>	(7,88%)		(7,51%)	
Conversas intempestivas		3,83 2,83		3,02 1,96
Perturbações diversas		4,31 3,43		3,12 1,72
Deixar a sala		1,31 2,33		,02 0,24

É notório que as categorias “conversas intempestivas”, “modificação da atividade” e “pára a acção” da dimensão comportamentos dirigidos à atividade absorvem a vasta maioria dos registos de indisciplina. Sublinhe-se a expressão da recusa de obediência ao professor, especialmente no 1º momento, assim como a soma dos comportamentos dirigidos aos colegas nas categorias “golpe ou pancada” e “conduta perigosa”.

A reduzida dimensão da amostra, aliada a uma elevada variação intrasujeito (de uma aula para outra) e intragrupo, coloca grandes dificuldades à utilização de procedimentos estatísticos mais robustos, no que diz respeito à comparação entre grupos de experiência. Nos testes multivariados do *GLM Repeated Measures* (4 aulas x 2 momentos de observação x 3 grupos de experiência docente), verificamos que há efeitos significativos na variável dependente, comportamentos de indisciplina, relativamente ao efeito do fator intrasujeitos no momento de observação. Do 1º momento para o 2º momento de observação registaram-se mudanças significativas nos comportamentos de indisciplina dos alunos ($\Lambda=0,084$; $F=10,915$; $p=0,020$), cujos testes univariados evidenciam diferenças estatisticamente significativas nas dimensões “comportamentos

relativos ao professor” ($F=26,476$; $p=0,001$) e “comportamentos dos alunos dispensados” ($F=13,956$; $p=0,007$). Porém, não existem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos efeitos do fator experiência docente, nem relativamente à interação momentos x experiência docente, não obstante a magnitude da redução observada, em todas as dimensões, nos grupo dos professores mais experientes e, particularmente, no grupo dos professores menos experientes, contrastando com uma aparente tendência inversa no grupo dos professores de experiência intermédia, no que diz respeito aos comportamentos em relação aos professores e aos colegas (ver figuras 1, 2, 3 e 4).

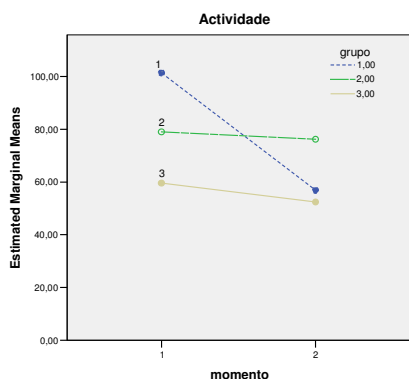


Figura 1: Mudança nos comportamentos de indisciplina relativos à actividade do 1º para o 2º momento em cada grupo de experiência

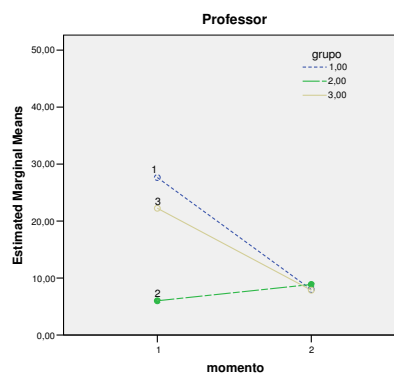


Figura 2: Mudança nos comportamentos de indisciplina relativos ao professor do 1º para o 2º momento em cada grupo

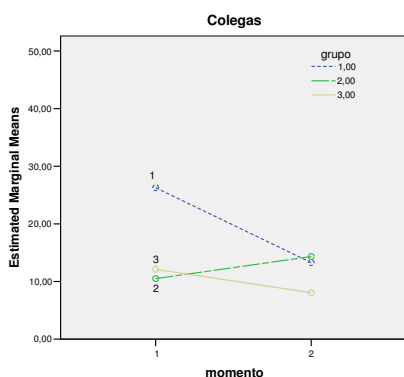


Figura 3: Mudança nos comportamentos de indisciplina relativos aos colegas do 1º para o 2º momento em cada grupo

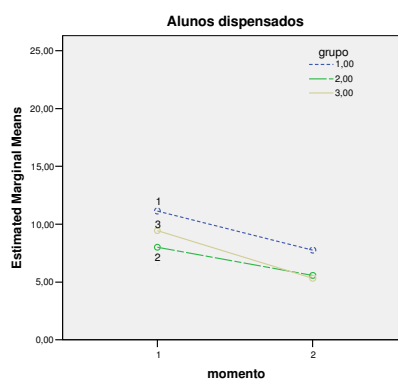


Figura 4: Mudança nos comportamentos de indisciplina dos alunos dispensados do 1º para o 2º momento em cada grupo

Procedimentos de Controlo utilizados pelo Professor em função dos Comportamentos de Indisciplina dos Alunos

Em ambos os momentos de observação (Quadro 2), mais de metade das respostas do professor aos comportamentos de indisciplina dos alunos caem dentro da dimensão “tutorial” e um pouco mais da terça parte na dimensão “antecipatória”. Em termos relativos, as reações punitivas são muito pouco frequentes. Havendo um abaixamento do número de procedimentos de controlo do 1º para o 2º momento de observação, não se regista, porém, qualquer alteração no figurino da distribuição relativa das diferentes dimensões.

Quadro 2: Procedimentos de controlo do professor:

Frequências e percentagens registadas em cada dimensão do PEPCI nos dois momentos de observação

Dimensões PEPCI	1º momento		2º momento		global	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Antecipatório	3431	35,87	2167	36,45	5598	36,09
Tutorial	5142	53,76	3315	55,77	8457	54,53
Punitivo	352	3,68	133	2,23	485	3,12
Não Vê	638	6,67	329	5,53	967	6,23

Como podemos observar no Quadro 3, os professores recorrem a uma variedade de estratégias para prevenir ou remediar os comportamentos inapropriados. Dois comportamentos tutoriais, com especial destaque para o primeiro, apresentam-se como os tipos de resposta mais frequentemente utilizada pelo professor, no 1º e 2º momentos de observação, respetivamente: chamar pelo nome dos alunos ($27,22 \pm 20,60$ e $19,52 \pm 14,16$) e corrigir os alunos, sublinhando o que está errado no seu comportamento ($17,0 \pm 12,99$ e $14,10 \pm 11,70$).

Quadro 3: Análise descritiva relativa aos procedimentos de controlo do professor no 1º e 2º momento de observação em todas as categorias do instrumento PEPCI

CATEGORIAS	1º MOMENTO		2ºMOMENTO	
	M	SD	M	SD
Emenda	12,70	13,16	9,50	10,87
Corrige	17,00	12,99	14,10	11,70
Exercita	1,87	3,21	1,89	3,46
Nomeia	27,22	20,60	19,52	14,16
Imobiliza	2,14	3,35	2,50	4,48
Pára	8,25	6,24	6,41	5,50
Ignora	7,39	7,43	3,83	4,42
Coloca	8,58	9,07	5,52	5,49
Reprimenda física	0,22	0,69	0,20	0,40
Postura	12,14	14,92	6,81	10,38
Elogia	9,79	8,93	7,04	6,53
Redirige	9,20	16,75	7,27	26,13
Remete	1,35	3,11	0,62	2,66
Reintegra	2,66	3,91	3,47	2,28
Confisca	1,95	4,64	0,25	1,45
Afasta	3,60	4,18	1,27	1,56
Recompensa	1,77	4,33	1,41	1,99
Inicia	6,16	6,28	4,41	2,80
Estabelece regra	3,41	5,58	1,41	2,24
Espera	1,08	1,66	0,45	1,03

Fazendo uma síntese referente ao quadro, por ordem decrescente, as categorias mais representativas dos procedimentos de controlo do professor são, respetivamente:

- no 1º momento de observação - *Emenda*, *Postura*, *Redirige*, *Coloca*, *Pára*, *Ignora*, e *Inicia*, e - no 2º momento de observação - *Emenda*, *Redirige*, *Postura*, *Pára*, *Coloca* e *Inicia*. Ignorar intencionalmente o comportamento inapropriado acontece com maior incidência no princípio do que no final ano letivo ($7,39 \pm 7,43$ e $3,83 \pm 4,42$). Mas é pouco comum utilizar a espera como técnica de extinção dos comportamentos inapropriados.

Para além do elogio do bom comportamento, que é usado com alguma frequência ($9,79 \pm 8,93$ e $7,04 \pm 6,53$), os professores raramente recorrem a outras estratégias de reforço positivo. As estratégias punitivas, por seu lado, são muito pouco ou raramente utilizadas. Ainda assim, a mais utilizada é o afastamento da atividade, particularmente no primeiro momento de observação. O exercício físico é também pouco utilizado como estratégia de controlo de comportamento.

Saliente-se, ainda, os valores muito elevados do desvio-padrão em relação à média, em todas as categorias observadas, o que é sintomático de uma acentuada variação dos valores registados entre as aulas dos diferentes professores.

O recurso à estatística multivariada *GLM Repeated measures* não aponta para nenhuma diferença significativa relativamente aos efeitos do fator intrasujeitos momento de observação, nem em relação ao efeito do grupo de experiência docente,

nem ainda ao efeito da interação grupo x momento. Ainda que os testes univariados subsequentes façam emergir algumas diferenças significativas respeitantes à variação dos comportamentos antecipatórios por aula, à interação aula x Grupo nos comportamentos que o professor não vê, à interação momento grupo de observação nos comportamentos punitivos e a uma interação momento x aula x grupo nos comportamentos antecipatórios.

Uma análise impressionista das figuras 5, 6, 7 e 8 poderia sugerir uma tendência para um decréscimo da frequência nas diversas dimensões dos comportamentos de controlo em todos os grupos, com uma exceção, a do aumento dos comportamentos de carácter punitivo no grupo de experiência intermédia, que assim inverte a sua posição no recurso a este tipo de comportamentos.

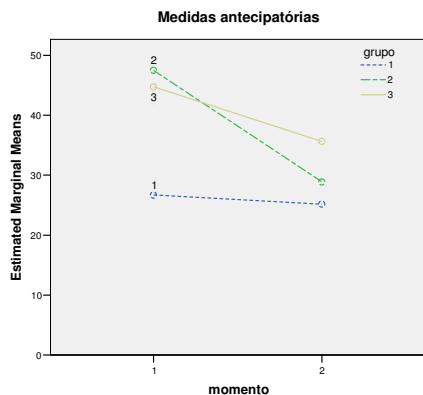


Figura 5: Mudança nas medidas de controlo de carácter antecipatório por parte professor do 1º para o 2º momento em cada grupo de experiência

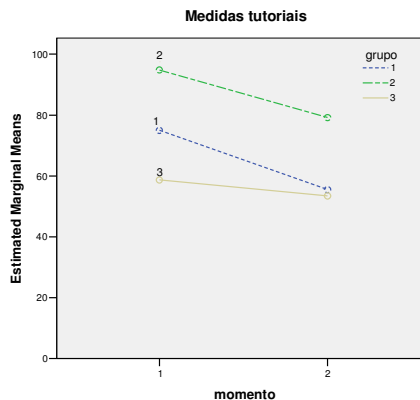


Figura 6: Mudança nas medidas de controlo de carácter tutorial por parte do professor do 1º para o 2º momento em cada grupo de experiência

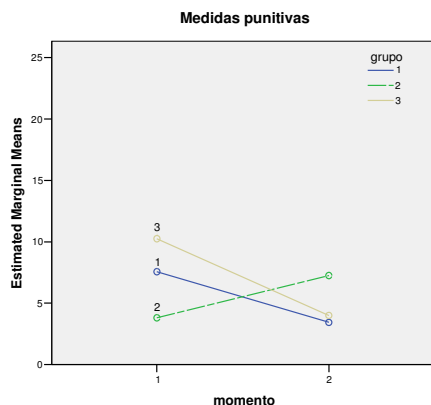


Figura 7: Mudança nas medidas de controle de caráter punitivo por parte do professor do 1º para o 2º momento em cada grupo de experiência

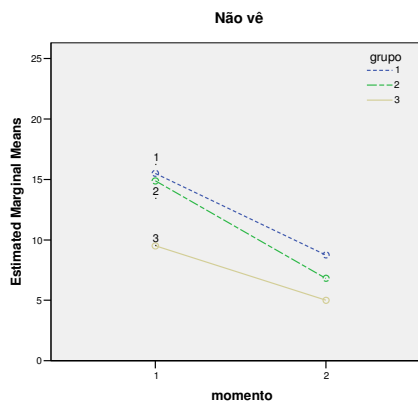


Figura 8: Mudança na frequência de comportamentos que o professor não vê do 1º para o 2º momento em cada grupo de experiência

Discussão e conclusões

O presente estudo reitera, com algumas diferenças de acentuação, as conclusões de estudos precedentes sobre a expressão dos comportamentos de indisciplina e de medidas de controlo dos professores, no âmbito da aula de Educação Física (EF), nas escolas portuguesas. Com efeito, diversos estudos, envolvendo turmas entre o 5º e o 8º ano de escolaridade, procuraram observar a expressão dos comportamentos de indisciplina na aula de educação física e as estratégias dos professores para prevenir ou remediar o aparecimento desses comportamentos (Abreu; 2000) Brito, 1986; Gonçalves, 2000; Mendes, 1995; Novais, 2000; Oliveira, 1993; Rosado & Marques, 1999). Com poucas exceções, os estudos reportam que mais de metade dos comportamentos de indisciplina são dirigidos à atividade. No presente estudo, a percentagem de comportamentos dirigidos à atividade é mais elevada (acima dos 60%). Os alunos dispensados da prática são responsáveis, nalguns estudos, por uma percentagem apreciável dos comportamentos de indisciplina, que, em geral, se situa em torno dos 10% (abaixo dos 7% no presente estudo). A expressão dos comportamentos incorretos com o professor são normalmente de bem menor incidência que os comportamento incorretos dirigidos aos colegas (menos vincada a diferença no presente estudo). Dos comportamentos registados por observação, uma percentagem considerável parece escapar ao professor, registando-se, no entanto, uma variação apreciável de estudo para estudo, que pode ir de pouco mais de um quarto a mais de metade dos comportamentos registados. No nosso estudo esta percentagem situa-se a níveis relativamente reduzidos (abaixo dos 7%). Note-se que ter consciência do que se está a passar em qualquer parte da aula em qualquer momento (*withitness*) é um

requisito chave para a boa gestão da aula (Brophy, 1985). À semelhança das conclusões de Rosado & Marques (1999) podemos apontar a elevada frequência de comportamentos inapropriados como uma característica da aula de educação física, embora eles se situam num registo de baixa gravidade sob o ponto de vista disciplinar. As respostas dos professores aos comportamentos de indisciplina dos alunos são maioritariamente de ordem verbal, com especial realce para o "mandar parar", "criticar" e "advertir". O recurso à punição é muito pouco frequente. Estes dados corroboram o constatado por Fields (2000) num comentário aos estudos sobre esta temática nas escolas australianas: "The most telling statistic from the research, however, was that about 80 percent of teachers reported that discipline problems both inside and outside the classroom were not very serious or not a problem at all".

As respostas às questões centrais do presente estudo, colocadas sobre a expressão da mudança dos comportamentos de indisciplina dos alunos na aula de educação física e consequentes comportamentos de controlo dos professores em turmas do 6 ao 8º ano de escolaridade, tendo em conta o período do ano letivo e a experiência docente conduzem-nos, em rigor, a uma resposta às questões orientadoras do estudo. Registam-se alterações significativas na frequência de comportamentos de indisciplina dos alunos do primeiro para o segundo momento de observação, cuja baixa verificada em todas as dimensões se traduz numa redução significativa na frequência de comportamentos relacionados com o professor e provenientes dos alunos dispensados. No entanto, os grupos de experiência docente não se distinguem significativamente entre si nos padrões de mudança entre os dois momentos. A explicação para este facto pode resultar da acentuada variabilidade intraindividual de aula para aula, em vários professores, dentro de cada momento, conjugada com uma elevada variabilidade interindividual dentro de cada grupo, em especial no primeiro momento, o que tornou difícil a comparação entre grupos, já de si prejudicada pela reduzida dimensão da amostra. Aliás, face a este figurino de variabilidade acentuada de resultados é muito pouco seguro falar em grupos de experiência, pelo que as respetivas médias só podem ter um carácter meramente indicativo.

Os resultados relativamente aos comportamentos de controlo são ainda menos conclusivos, quer relativamente à diferenciação entre grupos, quer até à mudança de comportamentos de um momento de observação para o outro, ou a qualquer efeito de interação entre os fatores grupo e momento de observação. Seria de esperar que a redução significativa observada nos comportamentos de indisciplina, induzidos certamente pela estabilização de uma estrutura de regras de comportamento e rotinas de gestão e por um melhor conhecimento mútuo das expectativas de comportamento e contingências, se repercutisse também numa redução significativa da frequência de

comportamentos de controlo por parte do professor, mas a magnitude da redução não alcança significado estatístico. Podemos sugerir que no caso deste estudo as estratégias de controlo do comportamento dos alunos e a respetiva mudança ao longo do ano revela figurinos individuais que terão pouco a ver com a pertença a um grupo de experiência. Alguns professores assentam a manutenção da disciplina na aula com base numa estratégia reativa de intervenções tutoriais constantes, tanto no início do ano como numa fase mais avançada. Outros professores, onde se incluem os do grupo mais experiente, adotam uma estratégia de intervenção mais constante no início (mais comportamentos tutoriais, antecipatórios e punitivos) do que no segundo momento, naquilo que pode constituir a observância da velha máxima: *dont smile until Christmas*.

Em conclusão, os comportamentos inapropriados na aula de EF são muito frequentes, na sua grande maioria relacionados com a atividade e normalmente controlados ou prevenidos através de intervenções verbais de caráter tutorial ou antecipatório.

A incidência dos comportamentos de indisciplina é maior no início do ano do que numa fase mais avançada do ano letivo.

A frequência dos comportamentos de indisciplina dos alunos e de controlo do professor registam uma variação intraindividual acentuada de aula para aula.

A experiência docente não se revelou como fator distintivo consistente, quer no que respeita à incidência dos comportamentos inapropriados, quer no que respeita às estratégias de controlo.

Futuros estudos nesta temática poderão acolher as seguintes sugestões:

A questão da influência da experiência docente deverá ser retomada com amostras de maior dimensão.

A mudança dos comportamentos dos alunos e professores ao longo do ano poderá ser estudada considerando mais momentos de observação de modo a obter uma curva de evolução ao longo do tempo.

A relação funcional entre comportamentos de indisciplina e comportamentos de controlo deve ser estudada de uma forma mais fina e articulada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abel, M. H., & Sewell, J. (1999). Stress and burnout in rural and urban secondary school teachers. *Journal of Educational Research*, 92(5): 287.
- Abreu (2000). *Gestão do Tempo, a Oportunidade de Prática e os Comportamentos de Indisciplina, no ensino do Rolamento à Frente, à Retaguarda e do Apoio Facial Invertido, em aulas de Educação Física-Um estudo de caso em professoras mais e menos experientes*: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto.

- Boyce, A. (1997). Inappropriate student behavior - a problem for student teachers. *JOPERD*, 68(6): 28-30.
- Brito, M. (1986). *Identificação de Episódios de Indisciplina em Aulas de Educação Física no Ensino Preparatório – Análise do Comportamento de Professores e Alunos*. Cruz Quebrada: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Educação Física.
- Brophy, J. (1985). Classroom management as instruction: socializing self-guidance in students. *Theory Into Practice*, 24(4): 233-240.
- Brophy, J. & Good, T. (1986). teacher behavior and student achievement. In M. Wittrok (Ed.). *Handbook of Research on Teaching* (3rd ed.). New York: MacMillan Publishing Company. Pp. 328-375.
- Carreiro da Costa, F. (1988). *O sucesso pedagógico em educação física: estudo das condições e factores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino*. Tese de Doutoramento não publicada. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Cloes, M.; Demblon, S.; Pirottin, V.; Lendent, M. & Pieron, M. (1998). Caractérisation des incidents de discipline les plus marquants vécus par des enseignants en éducation physique, in *Revue de l'Education Physique*, 38(2): 69-82.
- Cothran, D. J., Kulinna, P. H. & Garrahy, D. A. (2003) "This is kind of giving a secret away...": Students' perspectives on effective class management [electronic version]. *Teaching and Teacher Education*, 19: 435-444. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0742051X03000271>>.
- Curwin, R. L. & Mendler, A. N. (1984). High standards for effective discipline. *Educational Leadership*, 41 (8): 75-76.
- Doyle, W. (1986). Classroom Organization and Management. In Wittrock (3rd Ed.). *Handbook of Research on Teaching*. New York: Mac Millan Publishing Company. Pp. 392-431.
- Fenwick, D. T. (1998). Managing space, energy, and self: junior high teachers' experiences of classroom management. *Teaching and Teacher Education*, 14(6): 619-631.
- Fernandez-Balboa, J. M (1991). Beliefs, interactive thoughts, and actions of physical education student teachers regarding pupil misbehaviors. *Journal of Teaching in Physical Education*, 11(1): 59-78.
- Fernandez-Balboa, J. M. (1990). Helping novice teachers handle discipline problems. *JOPERD, The Journal of Physical Education Recreation & Dance*, 61(9): 50-54.
- Fields, B. A. (2000). School discipline: Is there a crisis in our schools? *Australian Journal of Social Issues*, 35: 73.
- Fink, J. & Siedentop, D. (1989). The development of routines, rules, and expectations at the start of the school year. *Journal of Teaching in Physical Education*, 8(3): 198-212.
- Gonçalves, A. P. (2000). *A indisciplina em aulas de educação física: percepções e comportamentos de professores e alunos relativos à indisciplina durante as sessões de ginástica (solo) no 2 ciclo do ensino básico*. Tese de Mestrado não publicada. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Goyette, R., Dore, R. & Dion, E. (2000). Pupils' misbehaviors and the reactions and causal attributions of physical education student teachers: a sequential analysis. *Journal of Teaching in Physical Education*, 20(1): 3-14.
- Henkel, S. A. (1991). Teachers' Conceptualization of Pupil Control in Elementary School Physical Education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*. Vol. 62, n.º 1: 52-60.
- Macdonald, D. (1999). Teacher attrition: a review of literature. *Teaching and Teacher Education*, 15(8): 835-848.
- Mendes, F. E. (1995). *A Indisciplina em Aulas de Educação Física no 6º Ano de Escolaridade – Contributo para o Estudo dos Comportamento de Indisciplina do Aluno e Análise dos Procedimentos de Controlo Utilizados pelo Professor*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Miller, A., Ferguson, E. & Moore, E. (2002). Parents' and pupils' causal attributions for difficult classroom behaviour. *British Journal of Educational Psychology*, 72: 27-40.
- Oliveira, M. T. (1993). *O Padrão de Reacção dos professores de Educação Física aos comportamentos de indisciplina dos alunos*. Tese de Mestrado. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.
- O'Sullivan, M. & Dyson, B. (1994). Rules, routines, and expectations of 11 high school physical education teachers. *Journal of Teaching in Physical Education*, 13(4): 361-374.

- Perron, J. & Downey, P. (1997). Management Techniques Used by High School Physical Education Teachers. *Journal of Teaching in Physical Education*. Vol 17: 72-84.
- Piéron, M. & Brito, M. (1990). Analyse d'incidents d'indiscipline survenant dans des classes de l'enseignement préparatoire (10-12 ans). In J. Duran & J. Hernandez & L. Ruiz (Eds.), *Humanismo Y nuevas tecnologías en la educación física y el deporte..* Madrid: INEF. Pp. 113-117.
- Piéron, M. & Emonts, M. (1988). Analyse des problèmes de discipline dans les classes d' éducation physique. *Revue de l'Éducation Physique*, 28(1): 33-40.
- Roberson, T. G. & Doebler, L. K. (1989). Problems of secondary student teachers as perceived by cooperating teachers and high school students: A follow-up study. *Education*, 109(4): 497.
- Rosado, A., Marques, R. (1999). Indisciplina em Educação Física. Estudo da variabilidade de comportamentos perturbadores em função do ano de escolaridade e do nível dos alunos em Educação Física. *Ludens*. Vol. 16, n° 2, Abr.-Jun.
- Supaporn, S. (2000). High school students' perspectives about misbehavior. *Physical Educator*, 57(3): 124.
- Supaporn, S., Dodds, P. & Griffin, L. (2003). An ecological analysis of middle school misbehavior through student and teacher perspectives. *Journal of Teaching in Physical Education*, 22(3): 328-349.
- Tulley, M. & Chiu, L. H. (1995). Student teachers and classroom discipline. *Journal of Educational Research*, 88(3): 164.
- Van der Mars, H. (1989). Observer Reliability: Issues and Procedures. In P. W. Darst & D. B. Zakrasjek & V. Mancini (Eds.). *Analyzing Physical Education and Sport Instruction*. (2nd ed.). Champaign, Illinois: Human Kinetics Books. Pp. 53-80.
- Veenman, S. (1984). Perceived problems of beginning teachers. *Review of Educational Research*, 54(2): 143-178.

ANEXOS

Quadro 1: Sistema de observação do comportamento de indisciplina na aula de educação física

Comportamentos dirigidos à actividade

Conversas intempestivas: o aluno conversa ou discute em voz alta, perturbando seriamente as actividades do grupo ou da classe, com um ou vários colegas.

Pára a acção: o aluno, perante uma tarefa proposta pelo professor, não a executa ou deixa de executá-la por tempo indeterminado, não interferindo, porém, na actividade dos colegas;

Deixa a sala de aula: o aluno sai da aula sem autorização formal do professor;

Desrespeita o material: o aluno exhibe pouco cuidado na manipulação do material, verbalizando ou não o seu desagrado ou o seu desprezo pelo mesmo;

Faz barulho com bolas: o aluno faz barulho com as bolas, antes do professor ter dado início à actividade prática, ou depois de esta ter sido dada por terminada;

Modifica a actividade: o aluno modifica a actividade proposta pelo professor, embora tenha capacidade de a executar, encontrando-se fora da tarefa proposta.

Comportamentos dirigidos ao professor

Recusa de obediência: o aluno, após a ordem ou um pedido do professor recusa obediência ou contesta as suas ordens de forma verbal e ou gestual.

Grosseria: o aluno dirige ao professor gestos ou palavras consideradas inadequadas.

Outros: todos os comportamentos dirigidos ao professor não abrangidos na grelha.

Comportamentos dirigidos aos colegas

Grosseria: o aluno dirige ao colega gestos ou palavras consideradas inadequadas;

Golpe ou Pancada: o aluno ameaça fisicamente ou bate nos colegas.

Conduta perigosa: o aluno executa acções, recorrendo ou não a objectos que podem pôr em perigo a integridade física dos colegas;

Outros: todos os comportamentos não abrangidos.

Comportamentos dos alunos dispensados

Conversas intempestivas: o aluno conversa ou discute, perturbando o normal desenvolvimento da aula e prejudicando as actividades do grupo ou da classe.

Deixa a sala de aula: o aluno sai da aula sem autorização explícita ou tácita do professor.

Perturbações Diversas: os alunos perturbam a aula com acções variadas, como conversas com os colegas que estão em aula. Invadem também o espaço da aula, utilizam o material indevidamente da aula, riem e troçam do que os colegas fazem na aula.

Quadro 2: Physical Education Pupil Control Inventory (PEPCI)

- Emenda:* (A,T) O professor requer à criança que emende a sua conduta inapropriada pela exibição da conduta apropriada;
- Corrige:* (T) O professor modifica o mau comportamento do aluno pela ênfase de que algo está errado;
- Exercita:* (A,T,P) O professor administra exercícios como consequência do mau comportamento;
- Chama a atenção:* (A,T) O professor requer que o aluno se cale, ouça, pense ou observe.
- Chama pelo Nome:* (T) O professor refere o nome do aluno sem referência a conduta actual ou esperada;
- Imobiliza:* (A,T) O professor instrui o aluno para ganhar controlo do equipamento gímnico;
- Pára:* (A,T) O professor requer que o aluno pare a actividade.
- Tolera ou Ignora:* (T) O professor intencionalmente ignora a má conduta;
- Coloca:* (A,T) O professor instrui o aluno para assumir um espaço determinado ou escolhido para iniciar ou recomeçar uma actividade;
- Reprime Fisicamente:* (A,T) O professor reprova a má conduta do aluno através de contacto físico agressivo (puxar, agarrar, abanar);
- Postura:* (A,T) O professor instrui a criança para assumir uma posição corporal determinada ou escolhida;
- Elogia:* (A,T) O professor reconhece a conduta apropriada sem a utilização de uma recompensa material ou privilégio especial;
- Redirige:* (T) Dirige a atenção da má conduta para a conduta apropriada sem referência directa ao que a criança está a fazer de errado;
- Remete:* (T,P) O professor contacta outra autoridade ou envia o aluno a outra autoridade (pais, director de turma, director);
- Reintegra:* (A) O professor faz retornar a criança à situação anterior de participação e/ou privilégio;
- Priva:* (A,T,P) O professor retira um privilégio como consequência de conduta inapropriada;
- Confisca:* (A,T,P) O professor tira equipamento ou objectos pessoais ou a criança devolve o equipamento prematuramente;
- Afasta:* (A,T,P) O professor retira o aluno da actividade;
- Recompensa:* (A,T) O professor reconhece a conduta apropriada como utilização de uma recompensa material ou privilégio especial;
- Inicia:* (A) O professor indica claramente quando a actividade é para começar;
- Estabelece ou reitera a regra:* (A,T) O professor estabelece ou reforça uma regra comportamental ou expectativa;
- Espera:* (T) O professor atrasa a classe até o problema cessar.
-

Recebido: 27 de março de 2012.

Aceite: 9 de julho de 2013.